

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

MAIANDRA PAES DA ROCHA

**A VIDA DE RAIMUNDA QUEIROZ NO DOBRADISSE: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA PESQUISA COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA**

Novo Aripuanã
2024

MAIANDRA PAES DA ROCHA



A VIDA DE RAIMUNDA QUEIROZ NO DOBRADISSE
Um relato de experiência na pesquisa com História Oral

Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 29 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador

Prof. Me. Sebastião Janderson Torres da Silva
Membro

Profa. Esp. Patrícia Santos dos Santos
Membro

**A VIDA DE RAIMUNDA QUEIROZ NO DOBRADISSE: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA NA PESQUISA COM HISTÓRIA ORAL DE VIDA**

Maiandra Paes da Rocha¹

André Luiz Passos Araújo²

RESUMO: Este trabalho trata-se de um relato de experiência acerca de uma história de vida às margens do rio Mariepaua. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas à Dona Raimunda, que nasceu e viveu por longos anos na comunidade Dobradisse, localizada no Rio Mariepaua, afluente esquerdo do rio Madeira. Os objetivos do trabalho consistem em explorar a experiência de vida ribeirinha e compreender os diversos elementos que influenciam nas condições sociais dos povos ribeirinhos. Ao longo do trabalho foram observados elementos importantes na reconstituição das memórias da entrevistada, através da oralidade. Os resultados da pesquisa mostram a importância da relação entre os ribeirinhos e o território e seus bens naturais, como a floresta e os rios. Deixou evidente a relevância social do trabalho no sustento da família ao mesmo tempo que evidenciou as duras e árduas condições de trabalho dos ribeirinhos. E mostrou a ausência direitos básicos à de dona Raimunda e sua família, e às populações que vivem longe das cidades e às margens das políticas públicas do estado.

Palavras-chave: Comunidade ribeirinha. Rio Mariepaua. História de vida.

1. Introdução

As comunidades ribeirinhas da Amazônia, principalmente da Amazônia legal, onde está sendo realizada esta pesquisa, enfrentam diversos desafios que afetam sua qualidade de vida e sustentabilidade. O acesso a serviços básicos, como saúde, educação e Assistência Social, é complexo, o que agrava as condições de vida de sua população. As particularidades geográficas, com a dependência do transporte fluvial, dificultam o acesso a mercados e serviços essenciais para sobrevivência humana.

Este relato de experiência tem por objetivo descrever os passos de uma pesquisa acadêmica na área de história. Tal relato servirá para demonstrar os aprendizados e a

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino superior de Novo Aripuanã- NENASP, Universidade do Estado do Amazonas - UEA, *E-mail:* mayandrarocha972@gmail.com

² Professor Assistente do Curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã- NENASP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós – Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. *E-mail:* luizpassos_am@yahoo.com.br.

apropriação das técnicas, conceitos e próprios da historiografia, perfazendo o percurso da formação acadêmica. E, por consequência, o conteúdo deste trabalho possui relevância social já que se trata de uma região em que a população local vivencia diversas dificuldades decorrentes da falta de acesso a direitos básicos e ausência de políticas públicas voltadas, especialmente, à população rural.

As comunidades ribeirinhas precisam ser visualizadas, necessitam do olhar do poder público, há uma urgência na efetivação de políticas públicas para que possam garantir a essa população condições dignas de existência em seus locais de pertencimento. Foi a partir dessa realidade vivenciada por muitas comunidades, no qual se entrelaça a vida desta pesquisadora, que surgiu o interesse em conduzir esta pesquisa, cujo tema central é a vida de dona Raimunda Queiroz, uma agricultora aposentada de 67 anos, que residiu por longos anos na comunidade Dobradisse, viveu uma vida repleta de experiências marcantes.

Nascida e criada no rio Mariepaua, dona Raimunda mudou-se para cidade há 18 anos, em 2006, mas as memórias da maior parte da sua vida, vivida às margens daquele rio, permanecem muito vivas. Ela enfrentou desafios marcantes relacionados à alimentação, educação e saúde ao longo de sua jornada. Desde pequena, viu-se obrigada a contribuir com o sustento da família trabalhando na roça, sem acesso à escola. As brincadeiras de criança ocorriam durante as atividades agrícolas. Com poucas oportunidades, ela casou-se jovem e teve 9 filhos, construindo sua vida com grande esforço e luta para construir uma vida sem a violência da ausência dos direitos e necessidades mais básicas.

A vida de Raimunda Queiroz na comunidade Dobradisse do Rio Mariepaua é o tema central desta pesquisa. Raimunda Queiroz é uma moradora do município de Novo Aripuanã/AM que, dentre tantas histórias de trabalhadores ribeirinhos, viu-se obrigada a mudar-se para a cidade com intuito de dar continuidade aos estudos dos seus filhos e construir uma vida melhor para sua família. Ela possui uma trajetória de vida marcante e representativa, em que é possível observar a luta e as condições de vida dos povos tradicionais da Amazônia.

A pesquisa foi realizada através de entrevistas à dona Raimunda, a fim de coletar informações em primeira mão sobre sua história, experiências e contribuições para a comunidade. Além disso, foi realizada uma revisão bibliográfica para contextualizar o momento histórico e social em que as experiências de vida de dona Raimunda estão inseridas, permitindo uma análise mais aprofundada de sua condição de vida e seu papel na comunidade.

A pesquisa sobre a história de vida de Raimunda Queiroz na comunidade Dobradisse do Rio Mariepaua foi motivada não apenas pela história de vida dela, mas também pela representatividade de tantas outras realidades de indivíduos que vivem ou viveram situações similares de uma região longínqua e esquecida pelo poder público. A senhora Raimunda tornou-se um ponto de partida para entender e dar voz às comunidades marginalizadas e frequentemente esquecidas que enfrentam desafios diários para garantir sua subsistência e dignidade.

Este estudo tem como objetivo explorar as experiências de vida simples e desafiadoras no campo, utilizando a história oral de vida de D. Raimunda como base. A história oral de vida consiste na evocação de memórias por meio de relatos pessoais para transmitir vivências. Além das narrativas, será considerada a importância dos silêncios, esquecimentos, repetições e linguagem não verbal, comparando esses elementos com outras fontes, como documentos escritos. Esses dados combinados fornecerão uma análise mais aprofundada e uma compreensão mais abrangente das histórias compartilhadas, conforme destaca Meihy (2015, p.35).

as histórias de vidas são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala. Isso talha a essência subjetiva da história oral de vida.

Ao mergulhar na história de Raimunda Queiroz, foi possível perceber que sua jornada refletia a de muitos outros que habitam as margens dos rios na Amazônia. Suas lutas, suas vitórias e suas adversidades, as experiências de inúmeras pessoas que compartilham uma realidade de pobreza e precariedade, mas também de resistência e superação.

prisma da imprecisão, da incerteza, das contradições e da dúvida. Não há a busca por uma verdade absoluta, por um itinerário coeso, mas sim o registro de uma versão particular de sentimentos e acontecimentos históricos narrados por uma determinada pessoa (Silva, 2010, p. 70).

Durante as entrevistas com Dona Raimunda, foram abordados diversos aspectos de sua vida, desde sua infância até os dias atuais. Através de suas narrativas, foi possível compreender melhor os desafios enfrentados por ela ao longo dos anos, suas conquistas e sua importância para a comunidade de Dobradisse do Rio Mariepaua.

Com base nas entrevistas e na revisão bibliográfica, este estudo busca não apenas retratar a trajetória de D. Raimunda Queiroz, mas também compreender seu papel fundamental dentro da comunidade Dobradisse do Rio Mariepaua, destacando como suas experiências refletem e interagem com o contexto social e cultural da região.

2. Materiais e métodos / Procedimentos metodológicos

Este estudo se baseia em uma abordagem qualitativa, combinando a utilização da História Oral a partir da concepção de Meihy (2015) e de revisão bibliográfica para compreender a trajetória de vida de Dona Raimunda Queiroz e sua relevância na comunidade Dobradisse do rio Mariepaua.

A História Oral foi o principal método de coleta de dados, realizado por meio de entrevistas semiestruturadas com Dona Raimunda. Essa técnica permitiu a captura detalhada de suas memórias e experiências ao longo da vida, revelando tanto os desafios quanto as conquistas pessoais e comunitárias. As narrativas relatadas pela entrevistada foram comprovadas a fim de identificar aspectos centrais de sua trajetória, proporcionando uma visão mais profunda sobre seu papel dentro da comunidade.

A revisão bibliográfica complementou as informações obtidas na história oral, oferecendo um referencial teórico e histórico sobre a região e os temas relacionados à vida comunitária ribeirinha. Foram consultados obras e estudos que abordam o contexto social e cultural da região rural amazônica, permitindo situar a experiência individual de Dona Raimunda em um panorama mais amplo e fundamentado.

Sobre a importância da revisão bibliográfica, para Gil (2002, p.44)

a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográfica.

Em relação a abordagem qualitativa, essa técnica permitiu a análise das percepções e experiências subjetivas, buscando compreender como a trajetória de Dona Raimunda reflete as dinâmicas sociais, culturais e históricas de sua comunidade. Assim, a combinação desses métodos e técnicas de pesquisa, trouxeram uma visão mais ampliada e detalhada da vida da entrevistada.

3. O modo de vida na comunidade: desafios e conquistas.

Este item refere-se ao modo de vida de pessoas de comunidades ribeirinhas que se caracterizam pela rotina de trabalho árduo. Ter que aprender, desde cedo, ao lado do pai e irmãos, a valorizar o esforço conjunto para garantir o sustento da família. Além disso, o relato de D. Raimunda Queiroz também ressalta a resiliência e a força das mães e pais ribeirinhos, que enfrentam todas as dificuldades para criar e sustentar suas famílias. A dedicação e o sacrifício desses pais são admiráveis, e mostram o quanto são capazes de superar obstáculos em prol do bem-estar de seus filhos, apesar da vida simples.

Como não tinha brincadeiras para eu divertir, eu vivia trabalhando e as casas onde a gente ficava eram de palha, e naquele tempo não era tábua e sim paxiúba batida. A mamãe sofreu muito para criar nós (Queiroz, 2024)

A família de Raimunda é composta por seus pais, Irene e Edmundo, e seus sete irmãos: Graciete, Severina, Elisabete, Nazaré, Margareth, Antônio e José. Cada um dos irmãos possui características e personalidades únicas que contribuem para a dinâmica familiar. Com os irmãos ainda pequenos, as irmãs eram responsáveis por ajudar nas tarefas do dia a dia, trabalhando na roça. Eram trabalhadoras e habilidosas, contribuindo para o sustento da família. Raimunda acordava todos os dias ao som dos pássaros e do barulho do riacho que corria próximo à sua casa de palha. As irmãs levantavam-se ainda antes do sol nascer, ciente de que mais um longo dia de trabalho a esperava.

Ela relata o cotidiano vivido, rememorando momentos difíceis e que foram enfrentados com força e dignidade. A primeira atividade da manhã era amolar o terçado e a enxada, ferramentas essenciais para o seu trabalho no roçado. Com a rotina já estabelecida, Raimunda e as irmãs se preparavam para enfrentar mais um dia de labuta. Vestiam suas roupas simples, calçavam suas sandálias e seguiam em direção ao roçado. Chegando lá, com o sol já despontava no horizonte, iluminando o caminho que tinha pela frente iniciavam suas atividades. O trabalho era árduo, mas ela não se deixava abater. Cortava a terra, plantava sementes, cuidava das plantas.

Os momentos de refeição eram sagrados. Ao meio-dia, eles paravam por um breve instante. Às vezes quando chegavam do roçado é que iam preparar a comida. Quando a mãe não podia ir para o roçado ela quem preparava antes de eles voltarem. Cozinham no fogo à lenha, e faziam peixe ou outro tipo de caça que conseguiria na mata próxima. Sentava-se no chão, e se alimentavam, renovando as energias para dar continuidade ao trabalho.

Elas arrancavam mandioca até o meio-dia, então vinham e davam uma bocada, nem terminavam de comer. Ele já estava no terçado, elas diziam que era para encher um "batelão", sabe o que era, um batelão de encher de mandioca, 40 a 50 paneiros de mandioca. Naquele tempo, não existia nem motor de serra, mandioca era ralada na mão, na mão da Gracinha, que era só de um lado. Era assim a nossa vida com minha mãe. (Queiroz, 2024).

As condições de vida ribeirinha relatadas por D. Raimunda mostram a dureza do trabalho manual, braçal, de um povo que vive distante dos avanços tecnológicos. O motor de serra que poderia servir para facilitar o trabalho pesado de ralar a mandioca, por exemplo, uma tecnologia simples, não chegava ainda à comunidade. A situação da irmã Gracinha que trabalhava apenas com um lado da mão evidencia uma realidade ainda mais dura que uma com deficiência tinha de enfrentar para sobreviver. As falas da entrevistada expressam pesar e empatia ao observar a situação da irmã.

Todo dia amanhecia o dia e eu ficava olhando com minhas irmãs lá na pedra, na chapichapi, olhando a Gracinha com aquele cotoco dela, olhava a Margareth, o que elas iam fazer roçando daqui para ali. Eu tinha um tio que sempre vinha ajudá-las até que ele morreu, esse meu tio que faleceu em Porto Velho. Sempre ele as ajudava e minha mãe ficava sofrendo. Meu irmão era assim, pai do teu pai, que dava comida para a mamãe, e o outro também que morreu (Queiroz, 2024).

A memória de D. Raimunda exprime sentimentos de tristeza por passar situações tão difíceis. Os povos ribeirinhos de fato sofrem com o abandono do estado e marginalização social, falta de acesso à direitos básicos como educação, saúde, assistência social, com dificuldade de acesso à informação, à transporte para deslocar-se até a cidade ou outras regiões. Assim, as falas que expressam lamento e tristeza mostram que em sua época a situação era muito dificultosa. E de fato, havia uma maior dificuldade para acesso aos direitos mais básicos por causa do isolamento, das próprias condições restritas do município a qual a comunidade fazia parte e das condições sociais, econômicas e políticas da época.

Há mais um relato em que a depoente menciona a dificuldade com a ausência do seu pai que precisou ir em busca de tratamento de uma doença não identificada.

Ah, não passava bem, não passava mal com minha mãe. Meu pai estava doente naquela época, vivia doente. Minha mãe dizia que ele passou dois anos doente se tratando com esse curador chamado Diquinho Mota (Queiroz, 2024).

A saída do seu pai em busca atendimento médico foi um momento de desespero por parte de sua mãe. Pois, não havia certeza de seu retorno e muito menos possibilidade de

comunicação. Ter de ficar sozinha, com os filhos ainda pequenos e, além de lidar emocionalmente com ausência dele, tornar-se a única responsável pela família, pesou forte sobre seus ombros. A falta de informação sobre a localização e o estado de saúde de seu pai era um sofrimento diário. Dona Raimunda revela que o pai passou dois anos em tratamento e longe da família. No seu lugar ficou a dor de uma separação forçada pela falta de estrutura básica e a luta constante de sua mãe que, em meio do sofrimento, precisou encontrar forças para seguir em frente, e prover as necessidades imediatas dos seus filhos, segurança e alimento.

O relato de Dona Raimunda nos traz uma passagem sobre a vida na comunidade Dobradisse. Apesar das dificuldades e do trabalho árduo no campo, as crianças da família encontravam momentos de diversão e alegria em brincadeiras simples e criativas no período da noite. Brincar de casinha de pano, boneca de pano, de roda e de se esconder no escuro eram atividades que faziam parte do cotidiano das crianças, proporcionando momentos de imaginação, criatividade e companheirismo. A casinha de pano representava um mundo de fantasias e histórias inventadas pelas crianças.

Nós fizemos casinhas de pano. Naquele tempo nós tínhamos um monte de boneca que minha mãe fazia. Aquelas bonecas de pano, ainda era de pano. Aí nós fazíamos aquelas casinhas de pano, de palha preta, de noite. Nós fazíamos aquelas casinhas de pano (Queiroz, 2024).

No passado, as famílias costumavam dormir em redes, um costume que é muito comum em diversas regiões. As redes eram não apenas um local para descansar após um dia de trabalho árduo, mas também um símbolo de simplicidade. Segundo a entrevistada, as redes em que as famílias dormiam muitas vezes eram rasgadas e remendadas. Isso demonstra as condições precárias das pessoas ribeirinhas.

Nós dormíamos na rede, nessa redinha que minha mãe botava para nós. Nós dormíamos naquela redinha velha, redinha remendada, que minha mãe emendava. Minha mãe rasgava, minha mãe emendava. Nós dormíamos tudo encolhidinho, naquela redinha, com meus irmãos. Meu pai saía, porque ele se vivia doente, nós ficávamos do lado da nossa mãe, dormindo naquela rede emendada, aquelas casas de tudo, parede de palha, casa do meu pai, era assim, não tinha negócio de tábuas, não. Era de assoalhado de paxiúba, coberto de palha (Queiroz, 2024).

As redes não somente representam o local de descanso, do recolhimento, como também, na fala de dona Raimunda simbolizam os recursos mínimos com que suas famílias viviam. Sabe-se que a história dos povos ribeirinhos é permeada de lutas pela sobrevivência. Aqui, a

família de dona Raimunda representa esse povo que enfrenta as mais duras penas advindas da falta de recursos para sobrevivência, dentro de uma sociedade que empurrou os povos tradicionais para as margens da sociedade.

A entrevistada remonta um tempo em que seu pai era considerado hábil na arte da caça. Ela relembra com carinho e saudade as memórias de seu pai trazendo comida para casa, muitas vezes um porco que ele havia caçado. Ela destaca a habilidade do pai em caçar e em pescar, proporcionando à família alimentos frescos e saborosos.

É possível perceber que, apesar das dificuldades e da simplicidade em que viviam, a presença e as habilidades do pai tornavam tudo mais fácil e reconfortante. Ele garantia a comida na mesa e ensinava aos filhos a importância de saber se virar diante das adversidades. A entrevistada destaca a fartura de comida como algo marcante daquela época. Mesmo na pobreza, a família vivia momentos de fartura graças às habilidades de caça e pesca do pai.

Meu pai era bom para caçar ele que só [...] Papai ia, quando a gente [...] estava olhando, vai chegando o papai com o porco. Cara novo, né? Era bom para caçar. Matar, porque ele matava muito bicho. Aí o papai botava linha. O papai matava surubim. Botava espinhel, pegava jatuarana. Criou bem, todos os filhos dele tudinho. Assim, na pobreza mesmo. Aquele tempo para nós era... Era bom, né? Que era farto, né? Era bom, era farto de comida. Eu convivi juntamente ao meu pai, sofrendo bastante na roça, capinando, arrancando mandioca e dormia na rede rasgada. Nesse sentido, minha mãe contava que o meu pai veio a adoecer e foi passar um tempo longe da gente. E as minhas irmãs trabalhavam no roçado delas e eu auxiliava da melhor forma como ralar mandioca na mão mesmo, e muitas vezes machucava nossas mãos com cortes grandes (Queiroz, 2024).

As dificuldades enfrentadas por pessoas que vivem no interior, como a Dona Raimunda, são inúmeros e muitas vezes invisíveis aos olhos da sociedade. A falta de acesso a saúde a variedade de gêneros alimentícios é uma realidade constante, que faz com que famílias inteiras não tenham muitas opções de consumo. A escassez de recursos e a dependência da produção própria tornam a obtenção de alimentos um desafio diário, exigindo esforço e dedicação. Fernandez (2020) afirma que essa falta de acesso a políticas públicas e escassez de produtos vem de histórica expropriação dos recursos da Amazônia, o autor reitera que:

É notório o movimento de marginalização das comunidades tradicionais, em especial das ribeirinhas, no caminho do desenvolvimento da Amazônia, bem como a ausência do Estado e a carência de políticas públicas voltadas para esses grupos sociais. Além disso, a região tem sido marcada por intensa exploração dos seus recursos naturais, inclusive de formas ilícitas, para fins

lucrativos, riqueza essa que não é socialmente distribuída, adensando as desigualdades sociais e os conflitos socioambientais (Fernandes, 2020, p. 41)

Além da falta de variedade de alimentos, as pessoas que vivem no interior enfrentam muita dificuldade ao ter acesso a serviços básicos da saúde. Por ser muito distante as áreas urbanas, isso torna um desafio muito grande, muitas vezes por não terem condições de se deslocar até a cidade ou de arcar com os custos de tratamento, as pessoas acabam sofrendo com doenças graves.

De acordo com Chaves (2016), as comunidades tradicionais conseguem garantir sua sobrevivência e bem-estar ao gerenciar os recursos disponíveis localmente e ao desenvolver formas de organização comunitária para superar as dificuldades e lidar com a escassez de bens e serviços sociais. Ela destaca essa capacidade como uma potencialidade e forte característica dessas comunidades, que conseguem se autossustentar e enfrentar e superar os desafios do dia a dia e resolver problemas coletivamente. Porém, alguns problemas estão ligados diretamente à ausência do Estado e suas políticas públicas, e só podem ser solucionadas com o desenvolvimento de políticas que atendam as populações ribeirinhas.

4. As dificuldades e superações na vida de Raimunda Queiroz

Esse item descreve as dificuldades das pessoas que vivem em comunidades ribeirinhas, naquele tempo, os regatões, barcos de comércio de produtos, navegavam até as comunidades para fazer vender seus produtos, o que era realizado por meio de trocas de produtos industrializados com produtos do trabalho dos moradores locais. A figura do regatão era crucial para o desenvolvimento das famílias que dependiam dele para suprir suas necessidades. O pai de Dona Raimunda fazia ranchos grandes dos regatões, pagava-se de mês a mês, era um trabalho coletivo, onde todos se preparavam para o acerto de contas. O escambo, que era uma prática comum, trazia à tona um sistema de vínculo entre os ribeirinhos e os regatões. O curioso é que, em vez de dinheiro, o pagamento se dava com produtos locais, como a farinha e a castanha, por exemplo.

Era de mês em mês, para a gente vir na cidade, minha filha, era quase ano. Não sei por quê. [...] Porque nesse tempo viajava regatão para lá e a gente comprava lá. A gente não vinha aqui porque a gente fazia rancho lá. Meu pai fazia rancho grande dos comércios que iam para lá, comerciantes. A gente não vinha aqui por causa disso. De mês em mês. Pagavam com farinha, que o meu pai tirava a castanha e nós, mas a irmã fazia farinha. E era, naquele tempo,

não era saca era quilo, né? Então elas torravam farinha aí. Assim que era antes lá (Queiroz, 2024).

Segundo o relato da entrevistada, a economia da comunidade era marcada por uma relação íntima com a terra e recursos naturais. Naquela época, o dinheiro que circulava na região não tinha o mesmo valor simbólico que conhecemos hoje. Para eles a real riqueza estava na produção. A farinha e a castanha eram a medida de trabalho e esforço para os agricultores. Assim a família de Raimunda Queiroz não usava o dinheiro como principal forma de troca comercial, pois a produção agrícola era a base de tudo.

Naquele tempo, eu não pegava dinheiro não, não pegava não. O produto mesmo era farinha, castanha, do tempo da minha mãe com o meu pai. Mas dinheiro mesmo, eu nunca, ninguém pegava dinheiro não, naquele tempo (Queiroz, 2024).

Assim como os produtos alimentícios precisavam de estratégia para serem adquiridos, os medicamentos também entravam na lista de itens de difícil aquisição. No relatado de D. Raimunda podemos perceber em uma época que não havia acesso fácil a serviços da saúde, as pessoas dependiam exclusivamente dos conhecimentos do uso de plantas medicinais. As comunidades, muitas vezes isoladas, eram acometidas de doenças graves como a malária, entre outros flagelos. Preparavam chás com plantas como a salva e marcela, esperando que esses remédios naturais pudessem aliviar os sintomas ou até curar doenças.

Era chá caseiro, minha filha. Chá caseiro. Naquele tempo não tinha nem remédio, não tinha nada. Por que tinha muita gente que falecia, né? Tempo que dava aquela malária [...] brava. Faleciam tudo lá [...]. Teve um ano que deu [...]. Não sei quantos que morreu. Só tinha aquela [...] não sei como era o nome das pílulas que existiam. [...] Minhas irmãs que falam, né? Era só na base de chá. De salva, de marcela, [...] de óleo elétrico. Que a minha mãe plantava. [...] às vezes curava e às vezes não. [...] E morreu. Morriam (Queiroz, 2024).

Dona Raimunda tinha uma jornada muito difícil, sua família não tinha costume de vir na cidade por conta da distância. Uma viagem até a cidade poderia durar até três dias de rabetá. Por isso passavam anos para ir até a cidade. Uma realidade enfrentada por muitas comunidades rurais.

De rabetá. Era dois dias ou três dias. Três dias, eu vou dizer que era três dias. No verão, né? Três dias no duro mesmo. Aí a gente vinha com a nossa mãe. Agora, meu pai não vinha. Meu pai é igual esse meu irmão que está lá. É igualzinho. Era difícil vir na cidade. Ela se aposentou e meu pai não se aposentou (Queiroz, 2024).

Na vida difícil de uma comunidade ribeirinha afastada da cidade, as famílias lutam diariamente para sobreviver, tendo que lidar com dificuldade. Essa realidade, que perdura nos dias atuais, impõe um afastamento das crianças e adolescentes à escola, os pais muitas vezes não permitem que seus filhos frequentassem a escola, para eles o trabalho é mais importante que a educação. De acordo com Silva:

muitas dessas comunidades ribeirinhas são marcadas por acentuado grau de isolamento e exclusão social. Com pouca organização social e baixo poder de influência política, e bastante distanciados dos grandes centros decisórios, os ribeirinhos são incluídos forçadamente nas políticas públicas gerais governamentais sem que as especificidades de seu modo de vida sejam consideradas. No geral, isso se reflete nos grandes problemas que os assolam na esfera econômica, de educação e de saúde (2010, p. 343).

5. A interação entre o campo e a cidade: impactos na vida dos ribeirinhos

Nesse item, o relato volta-se para a relação entre o campo e a cidade. Como discutido anteriormente, é notório que os trabalhadores rurais, de maneira geral, tinham uma grande dificuldade de acesso ao mercado e à cidade. A falta de transporte adequado, seria o principal fator que dificulta esse deslocamento impactando diretamente na economia e a vida social dos agricultores, que muitas vezes precisam se deslocar, para vender seus produtos ou adquirir insumos na cidade.

Era muito difícil de vir na cidade naquela época, pois não existia rabetá, já vim conhecer a cidade depois de velha, pois a gente não tinha o costume de vir, o papai passou um longo tempo sem vir aqui e por isso que meu irmão é assim, pois ele está com dez anos que não vem aqui (Queiroz, 2024).

As atividades realizadas para atender ao mercado eram variadas e essenciais para a geração de renda e obtenção de mantimentos. A produção de farinha e a realização de trabalhos agrícolas, como o cultivo de mandioca, eram formas comuns de garantir o sustento e para as despesas do dia a dia. De acordo com Chaves (2016) a mandioca desempenha um papel fundamental na agricultura da Amazônia, sendo cultivada tanto em regiões de terra firme como em regiões de várzea. Isso se deve à versatilidade da mandioca, que pode ser utilizada tanto para a subsistência das famílias como para a comercialização dos produtos excedentes.

A venda desses produtos não se limitava apenas à cidade, mas também envolvia a relação com comerciantes que iam em barcos pequenos, que desempenhavam um papel crucial nesse processo. Altafin (2007, p.3) afirma que na produção camponesa, as famílias possuem e

controlam os recursos necessários para produzir, como a terra, ao mesmo tempo em que desempenham o trabalho na própria propriedade. Essa forma de produção permite que eles produzam alimentos tanto para consumo próprio, garantindo a subsistência da família, quanto para a venda no mercado, o que pode gerar renda. Dessa forma, a produção camponesa envolve a combinação da posse dos meios de produção, a atuação direta da família no trabalho rural e a flexibilidade para comercializar parte da produção.

O nosso trabalhinho era em vendas de farinha, fazendo roça e na quele tempo a farinha era ruim de preço, Nois produzíamos e além de vender na cidade, vendíamos também aos comerciantes do Mariepaua que iam de motor até lá, um era esse João Pimenta que era um grande comerciante lá (Queiroz, 2024).

6. As emoções que moldam a história de vida de Raimunda Queiroz

Através da comovente narrativa compartilhada, somos transportadas para um universo de emoções profundas e intensas, que remetem para uma realidade de busca por necessidades básicas, de lutas e esperanças em meio a uma vida desafiadora. A história de uma família marcada pela perda, onde a narradora se questiona com perguntas dolorosas e sem respostas.

Quando nós adoecíamos não tinha remédio lá no interior! Por que que minha pequena filha morreu de sarampo? Porque a gente não procurava recursos, por que que nós não viemos trazer ela? Então ela adoeceu de sarampo, uma doença que só vinha para matar as crianças, meus filhos todos adoeceram dessa doença, mais todos ficaram bom, o Roberto, a Alcione e a Jucy incharam que ficaram igual um sapo. (Queiroz, 2024).

Os questionamentos de uma mulher trabalhadora, ribeirinha, expressam intensa tristeza e pesar pela realidade vivida, a doença que assola seus filhos, a perda da filha e escassez de recursos que levou à essa tragédia.

Felizmente, com o passar dos anos e trabalho árduo, a vida de Raimunda passou por mudanças significativas que impactaram sua trajetória. Anteriormente, ela trabalhava na roça e produzia farinha como principal fonte de sustento. No entanto, com o passar do tempo e o apoio de seu companheiro, sua realidade se transformou. Conseguiu mudar-se para a cidade, onde mora atualmente e desfruta de uma qualidade de vida melhor, com a possibilidade de ir para a área rural quando desejar, o que representa uma liberdade e autonomia maior em sua vida.

D. Raimunda se orgulha de como sua vida melhorou, e agora tem a liberdade de ir para a comunidade rural sempre que desejar, junto com seu parceiro. Juntos, eles cuidam da roça, capinam, plantam e colhem, e o resultado é uma produção farta e de qualidade.

Até hoje eu ainda faço a roça e faço farinha, minha vida melhorou cem por cento e vou para o interior o dia que eu quiser, eu e ele gostamos muito. Nós vamos para lá fazer roça, nós fomos lá esses dias e nossa roça está mais alta que eu. Capinamos tudo (Queiroz, 2024).

Hoje, beneficiada pela aposentadoria, D. Raimunda se sente realizada ao poder cultivar sua roça e colher o fruto do seu trabalho. O lugar não é mais a Dobradisse. Mesmo assim, ela se sente feliz em poder ver os resultados da labuta de uma vida inteira. Ela se destaca pela dedicação e cuidado com que coloca em seu trabalho, garantindo assim que sua família tenha sempre o que precisa. Além disso, agora ela pode vender sua produção, mas o dinheiro desse trabalho não é mais uma necessidade urgente, pois ela já recebe um salário de aposentadoria e seus filhos, já bem estabelecidos, contribuem para o sustento da casa.

Com seus filhos todos casados e bem-sucedidos, e seu armário cheio de mantimentos, Raimunda se sente abençoada e grata a Deus. Todos em sua família vivem bem, comem bem e têm tudo o que precisam. A dedicação à roça trouxe não apenas alimentos saudáveis e de qualidade, mas também estabilidade financeira e conforto para sua família. Raimunda se orgulha do que construiu e do legado que deixará para seus filhos.

Meus filhos estão todos casados, todos grandes e todos já tem seu dinheiro, e meu armário não tem mais onde colocar rancho, tem de tudo e todos passam bem, comem bem graças a Deus todos ganham seu dinheirinho (Queiroz, 2024).

A mudança para a cidade representou um marco importante na sua vida, pois deu à família de Dona Raimunda novas possibilidades de vida e trabalho. Esse movimento trouxe à ela novas esperanças, ao longo do tempo ela construiu uma vida melhor, mas sem nunca perder o laço com o rio, a terra e a agricultura. A vida de D. Raimunda coloca uma reflexão importante sobre os povos ribeirinhos, se houvesse políticas públicas e acesso a direitos nas comunidades rurais, as pessoas precisariam sair de lá? Todas as famílias de trabalhadores rurais que se mudam para a cidade têm possibilidade de construir uma vida digna no espaço urbano? D. Raimunda, sem dúvida, conseguiu. Mas não se pode deixar de refletir sobre os ribeirinhos que vem para a cidade em busca de uma vida melhor e são empurrados para as margens desse espaço.

7. Considerações finais

Este relato de experiência explora o modo de vida ribeirinha através das memórias de Dona Raimunda, moradora da comunidade Dobradisse, no rio Mariepaua. As entrevistas revelaram uma profunda relação dos ribeirinhos com o território e com os recursos naturais, como a floresta e os rios, que não só sustentam a subsistência das famílias, mas também são essenciais para sua identidade cultural e social. O estudo evidencia as condições desafiadoras enfrentadas no cotidiano do trabalho ribeirinho, além da ausência de direitos e serviços básicos para Dona Raimunda e sua família, refletindo o isolamento de muitas comunidades ribeirinhas em relação às políticas públicas. A pesquisa, assim, destaca a resiliência dessas populações e a importância de uma maior atenção do Estado para melhorar suas condições de vida e assegurar seus direitos fundamentais.

Este relato de experiência, ressalta ainda o papel fundamental da memória na preservação da história e identidade dos povos ribeirinhos da Amazônia. A história de vida de Dona Raimunda não só registra a vivência e a experiência individual, mas também ilumina aspectos coletivos da cultura ribeirinha que tendem a ser esquecidos ou invisibilizados. Através da reconstrução de suas memórias, é possível preservar tradições, conhecimentos sobre o uso sustentável dos recursos naturais e práticas de subsistência que são passadas de geração em geração.

A memória, assim, torna-se um elo entre o passado e o presente, permitindo que essas experiências sejam reconhecidas e valorizadas. Ao documentar e dar voz a essas histórias, como a história de vida de Dona Raimunda Queiroz, esse estudo contribui para que a herança cultural dos povos ribeirinhos seja respeitada e perpetuada, e ainda mostra a necessidade de políticas públicas que levem em conta a riqueza de saberes e práticas culturais dos povos ribeirinhos.

8. Referências

ALTAFIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Texto apresentado no 3º módulo do curso de Regional de Formação Político sindical da Região Nordeste. Universidade de Brasília- UNB, 2007.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

CHAVES, Maria. Do. Perpétuo. Socorro. Rodrigues; **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: Organização sociocultural e político/ Talita de Melo Lira, Maria do Perpétuo Socorro Chaves- Campo Grande/2016.**

ENTREVISTA concedida por QUEIROZ, Raimunda. Entrevista [6 de setembro de 2024]. Entrevistadora: Maiandra Paes da Rocha . Novo Aripuanã/AM, 2024.

FERNANDES, J. S. N. **Política de Assistência Social na Amazônia: problematizando o acesso das famílias ribeirinhas da Ilha das Onças, Barcarena/PA.** 2020. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

GIL, Antônio Carlos; **Como elaborar projetos de pesquisa/ Antônio Carlos Gil-4 ed- São Paulo: Atlas, 2002.**

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: 2d. Contexto, 2015.

SILVA, Valdir. Pierrote silva; BARROS, D.D. **Método história oral de vida: Contribuições para pesquisa qualitativa em terapia ocupacional/ São Paulo/2010.**

SILVA, Simone Souza da Costa Silva ;**Rotinas Familiares de Ribeirinhos Amazônicos: Uma Possibilidade de Investigação: Universidade do Federal do Para: vol.26 ‘’’’’’’’/2010.**

Recebido em: 18/11/2024

Aprovado em: 29 / 11 /2024